

Cognição e relevância: uma análise pragmática da loucura quijotesca

Cognition and Relevance: a Pragmatic Analysis of Quijotesque Madness

Sebastião Lourenço dos Santos¹
Letícia dos Santos Caminha²

DOI: 10.19177/memorare.v7e22020134-150

Resumo: Analisamos o comportamento patológico do personagem cervantino, Don Quijote, a partir da perspectiva da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001). Abordamos a loucura quijotesca como consequência de um enviesamento cognitivo decorrente da relação “custo-benefício” sob a qual trabalha a mente humana na interpretação do significado de novas informações. A análise parte das situações comunicativas narradas nos capítulos IV, VIII, XVIII, XXI e XXII da primeira parte do romance *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, cujo protagonista desenvolve uma patologia mental após a intensa e contínua leitura de novelas de cavalaria, a mudança de sua conduta é evidenciada na restrição dos contextos aos quais ele recorre para interpretar o significado das informações que processa em suas interações. Assim sendo, os delírios de Don Quijote apresentam-se como disfunções pragmáticas, que podem ser explicadas pelo Princípio de Relevância que orienta a mente humana a processar apenas as informações mais relevantes.
Palavras-chave: Pragmática cognitiva; Relevância; Don Quijote de la Mancha.

Abstract: We analyzed the pathological behavior of Cervantes, don Quijote, from the perspective of the Theory of Relevance (SPERBER; WILSON, 2001). We approach quijotic madness as a consequence of a cognitive commitment to the “cost-benefit” relationship, in which the human mind works to interpret the meaning of new information. An analysis of the communicative situations narrated in chapters IV, VIII, XVIII, XXI and XXII presents the first part of the novel *The Ingenious nobleman Don Quixote de la Mancha*, whose protagonist develops a mental pathology after intense and continuous reading of cavalry novels, for a behavior change is evidenced in the restriction of two contexts through which it passes to interpret or signify the information it processes in its interactions. Therefore, don Quijote’s delusions appear as pragmatic dysfunctions, which can be explained by the Principle of Relevance, which guides the human mind to process only the most relevant information.
Keywords: Cognitive pragmatics; Relevance; Don Quijote de la Mancha.

¹ Mestrado e Doutorado em Estudos Linguísticos. Professor de Língua Espanhola do Departamento de Estudos da Linguagem e do Mestrado Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: lorecutp@hotmail.com.

² Graduação em Letras Português-Espanhol (UEPG) e mestranda do Programa de Estudos da Linguagem (UEPG). E-mail: leticia.94@outlook.com.

1 Introdução

A pragmática é considerada como a disciplina responsável pelo estudo da linguagem em contexto e de todos os demais aspectos envolvidos no fenômeno da interpretação durante a comunicação verbal (DASCAL, 2006). Sua consolidação ensejou a reformulação de diversos conceitos implicados na concepção de linguagem instaurada no âmbito dos estudos linguísticos, tendo o conceito de contexto como o mais discutido nas análises que se dedicaram aos fenômenos atrelados ao uso da linguagem.

O conceito primário de contexto discutido pelas teorias pragmáticas é entendido, segundo Santos (2013, p. 701), como “um conjunto de elementos e fatores circunstanciais, mais ou menos fixos, circundantes aos participantes de uma interação verbal”. Logo, o contexto poderia ser descrito como o lugar, o tempo e o espaço ocupado pelos interlocutores durante a comunicação (ARMENGAUD, 2006).

Entretanto, estudos pragmáticos mais recentes têm apontado essa definição como demasiadamente reducionista e parecem oferecer um conceito mais crítico e pormenorizado do que seria o contexto. Santos (2013, p. 708) defende o contexto como “ambiente abstrato, dinâmico, vivo, comum, mas não idêntico, a dois ou mais participantes em um intercâmbio conversacional”. Assim, o contexto abarcaria não só elementos predefinidos como o tempo e o espaço, mas também fatores subjetivos como a identidade dos sujeitos envolvidos na interação verbal, as crenças e representações de mundo individuais.

Em análises pragmáticas de inclinação cognitiva (DASCAL, 2006), incorpora-se ao contexto uma pluralidade de categorias mentais e psicológicas relevantes na teoria pragmática da linguagem (PARRET, 1988). No modelo ostensivo-inferencial da comunicação humana debatido pela Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, [1994] 2001), as suposições que construímos sobre as coisas do mundo, nossos desejos, crenças, expectativas e emoções também integram aquilo que chamamos de contexto e são fatores determinantes nos processos inferenciais que realizamos num intercâmbio conversacional. Para a Teoria da Relevância (TR), o contexto ao qual recorreremos em nossas inferências para interpretar o significado das novas informações que processamos é mental e não pode ser circunscrito apenas ao tempo e ao espaço em que ocorre uma interação verbal.

Numa perspectiva pragmática relevantista, tanto a ostensão do falante, isto é, a evidência de suas intenções comunicativas e informativas, quanto a inferência do ouvinte, descrita como o reconhecimento dessas intenções, são atividades inteiramente dependentes do contexto. A ostensão do falante é uma tentativa de ação sobre o contexto mental de seus interlocutores e a inferência do ouvinte tem como resultado uma série de implicações contextuais que podem ampliar seu conhecimento de mundo.

Ainda para a TR, as atividades ostensivas e inferenciais dos interlocutores são orientadas pelo Princípio de Relevância, segundo o qual, temos a tendência de evidenciar e processar apenas as informações que sejam mais relevantes no contexto de interação. A relevância é uma propriedade psicológica responsável pela seleção dos

contextos mentais sobre os quais uma nova informação poderá ser processada. Trata-se de um aspecto cognitivo que estimula a mente humana a operar numa relação de “custo-benefício” de informações: quanto menor for o esforço empregado no estímulo das suposições mentais do ouvinte para o processamento de uma informação, maior será sua relevância.

Nesse sentido a relevância pode ser responsável pela formação de vieses cognitivos que estimulam o ouvinte a interpretar significados que estejam muito mais alinhados a suas expectativas de relevância do que às intenções de seus interlocutores. Há casos em que vieses cognitivos e estados mentais patológicos parecem confundir-se, e suas consequências extrapolam os limites da sanidade e da loucura, acarretando confusões de maiores proporções. É o que retrata Cervantes, em seu romance *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*.

O romance cervantino nos apresenta Don Quijote, seu protagonista, um fidalgo de cinquenta anos que desenvolve uma patologia mental devido às intensas leituras das novelas de cavalaria. Após enlouquecer, Don Quijote decide tornar-se cavaleiro andante e sair pelo mundo professando a cavalaria tal qual os personagens das novelas que leu. A modificação do ambiente cognitivo de Don Quijote, por meio das intensas leituras das novelas de cavalaria, afeta diretamente a forma como o fidalgo concebe a realidade e interpreta tudo o que os demais personagens lhe dizem. Todos os enunciados a ele dirigidos são interpretados de acordo com a ficção das novelas de cavalaria, o que acaba resultando em inúmeros problemas para ele e seu escudeiro Sancho Panza.

A loucura do fidalgo manifesta-se como um enviesamento cognitivo no qual o foco de relevância é direcionado para as informações que, de alguma forma, podem ser associadas à cavalaria e contextualizadas pelas suposições que ele formou em suas leituras. A conduta patológica do protagonista tem, portanto, relação com aspectos pragmáticos da comunicação que possibilitam verificar como a cognição humana é capaz de afetar o uso da linguagem e como ela pode revelar a face operativa-dedutiva da mente (DASCAL, 2011).

Diante dessas considerações, neste estudo buscamos analisar a loucura de Don Quijote pela perspectiva da TR, concebendo sua patologia como consequência da formação vieses cognitivos por vezes orientados pelo Princípio de Relevância sob o qual trabalha a mente humana no processamento de novas informações. A análise parte das situações comunicativas encontradas nos capítulos IV, VIII, XVIII, XXI e XXII da primeira parte do romance. Apresentamos inicialmente o conceito de contexto adotado pela pragmática cognitiva para então descrevermos os demais pressupostos da TR que amparam a relação entre a conduta patológica do protagonista cervantino e os fatores pragmático-cognitivos que possibilitam a abordagem aqui desenvolvida.

2 O contexto na perspectiva relevantista

A definição vulgar de contexto, limitada ao ambiente físico e/ou até mesmo aos enunciados imediatamente anteriores não é a que parece satisfazer as condições necessárias à interpretação, visto que nela não

encontramos qualquer sugestão de como o contexto relaciona-se com o conhecimento do qual o ouvinte já dispõe para interpretar os enunciados que lhe são dirigidos. Assim, a TR sugere que o contexto:

É uma construção psicológica formada por um subconjunto de suposições que o ouvinte tem do mundo. São estas, com certeza, as que afectam a interpretação de uma elocução, e não o estado real do mundo. Neste sentido, um contexto não está limitado nem às informações imediatamente anteriores; também poderão ter um papel na interpretação todas as expectativas do futuro, as hipóteses científicas ou crenças religiosas, o anedotário, as suposições culturais gerais, e as opiniões sobre o estado mental da pessoa falante [...]. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 45-46).

Logo, não é o real estado de coisas no mundo que determina a interpretação do significado das novas informações que processamos diariamente em nossas interações, mas as suposições que formamos a partir dos acontecimentos. As propriedades que abstraímos de determinados fatos e que nos permitem construir nossas crenças, hipóteses culturais e científicas e as próprias expectativas que temos em relação ao conhecimento de nossos interlocutores é que são relevantes para os processos cognitivos que realizamos para interpretar os enunciados que nos são dirigidos.

Uma questão crucial para a TR é a forma como a mente do ouvinte seleciona, dentre as várias suposições existentes no contexto mental, aquelas que lhe serão úteis para a interpretação do significado das informações que estão sendo processadas. A TR prevê que tanto a atividade de ostensão quanto a atividade de inferência são orientadas pelo Princípio de Relevância.

Para o Princípio de Relevância, uma informação só valerá a pena ser processada se provocar um grande número de efeitos cognitivos com um esforço de processamento mínimo. Assim, as suposições utilizadas para o processamento de uma nova informação serão aquelas que estão mais acessíveis na mente do ouvinte e dessa forma, durante a comunicação o falante deve conjecturar quais são essas suposições e procurar tornar a sua intenção a mais relevante possível, fazendo com que a atenção do ouvinte se volte para suas intenções, para que ele consiga inferir um significado minimamente alinhado com suas expectativas, o que fará a comunicação ser bem-sucedida.

3 O princípio de relevância

Diariamente somos expostos a uma pluralidade de estímulos verbais e não verbais que, muitas vezes sequer são percebidos e quando o são, não recebem nossa atenção, e os significados por eles veiculados são logo descartados por nossa mente ao invés de serem processados para se integrarem ao nosso conhecimento de mundo. Conforme Dascal (2006), uma das origens desse fenômeno encontra-se na existência de um filtro cognitivo cuja função é atuar sobre nossa percepção, selecionando inconscientemente os estímulos que veiculam significados que valham a pena ser processados e integrados ao nosso conhecimento de mundo, a fim de maximizar a eficiência dos mecanismos de processamento de novas informações em nossa mente.

Não obstante, os estímulos que passam por nosso filtro cognitivo e nos quais recaem parte ou a totalidade de nossa atenção não têm ainda a garantia de que serão de fato processados, pois segundo Sperber e Wilson (2001) nossa cognição tende a processar aquilo que nos é relevante. Para Santos (2009), a relevância é uma propriedade psicológica que faz com que uma nova informação valha a pena ser processada e os parâmetros de relevância de uma nova informação são determinados pelo número de efeitos cognitivos resultante do esforço empregado em seu processamento.

Os efeitos cognitivos ou contextuais referem-se ao nível de reorganização e modificação das suposições disponíveis em nossa mente (RAMOS, 2003), mas embora tratemos de um “número” de efeitos, a relevância é medida qualitativamente e não quantitativamente:

A relevância é o produto da avaliação da produtividade: equilíbrio entre o rendimento (saída) e um investimento (entrada) de informações, ou seja, equilíbrio entre os efeitos contextuais e o esforço de processamento. É uma noção comparativa (relativizada). No entanto, se os benefícios de se conseguir um efeito contextual não forem suficientes para equilibrar o custo do esforço de processamento necessário para os implementar, então nunca se poderia conseguir um grau positivo de relevância, porque não valeria a pena o esforço do processamento (SANTOS, 2009, p. 106).

Os efeitos contextuais podem dar-se por meio do fortalecimento, da contradição e combinação das suposições conceituais já existentes na mente do ouvinte. Uma informação mais relevante será aquela que valha a pena ser processada porque alcança um maior número de efeitos cognitivos com um menor esforço – assim a mente humana trabalha numa relação “custo-benefício” de informações. Quando uma nova informação fortalece uma suposição antiga, enfatizando a sua veracidade, ao mesmo tempo em que enfraquece uma outra suposição provando sua menor confiabilidade e ainda combina outras suposições, fazendo com que o ambiente cognitivo do ouvinte seja modificado e ele possa construir novas suposições acerca das coisas do mundo, com base nessa nova informação, poderemos dizer que essa lhe foi relevante.

Mas a relevância não é importante apenas por determinar se uma informação deve ou não ser processada, mas sobretudo com base em quais de nossos conhecimentos esse processamento irá ocorrer. Na noção de contexto discutida no âmbito da pragmática cognitiva e já apresentada neste trabalho, pudemos constatar que o contexto entendido como o real estado das coisas do mundo não exerce predominância na interpretação de um enunciado, pois o contexto considerado na atividade interpretativa é composto majoritariamente pelas suposições fatuais que construímos sobre o mundo.

Os enunciados veiculam significados que devem ser inferidos pelo ouvinte por meio de seu conhecimento enciclopédico que é determinante para a relevância das informações que ele processa. Isto é, a entrada de uma nova informação (input) mobiliza seu conhecimento, as suposições fatuais necessárias ao seu processamento. Não obstante, a forma como as suposições que participam da interpretação do significado de uma nova informação é selecionada ainda permanece pouco clara na maioria das teorias pragmáticas. Todavia, para Sperber e

Wilson (2001) essa seleção é determinada, sobretudo, pelo Princípio de Relevância: a mente humana tende a maximizar a relevância de uma nova informação.

Segundo a TR, uma informação relevante é aquela que modifica e aperfeiçoa a representação total do mundo do ouvinte. Nessa situação, uma das características de uma informação relevante é a sua novidade, já que uma informação antiga não representaria uma modificação e nem mesmo um aperfeiçoamento cognitivo. Assim, a primeira atividade cognitiva de uma interpretação é a verificação da novidade da entrada de dados. Se o significado do estímulo percebido já se encontra na mente do ouvinte ele é descartado, mas se sua novidade é constatada, inicia-se em seu ambiente cognitivo uma busca pelas suposições que adequarão o contexto no qual os novos dados obterão uma maior quantidade de efeitos.

Nessa busca são mobilizadas as suposições consideradas mais fortes pelo ouvinte ou mais provavelmente verdadeiras. A força de uma suposição é resultado da forma como foi processada, suposições formadas a partir de experiências tendem a ser mais fortes do que aquelas formadas conceitualmente:

Quando das nossas suposições, as que nos inspiram mais confiança são as que, de fato, são mais provavelmente verdadeiras, temos a tendência de fazer as escolhas certas das suposições e dos caminhos de ação a seguir [...] a adequação da nossa representação de mundo depende não só de quais são as suposições que temos em nosso poder, mas também do grau de confiança que temos nelas [...] Os aperfeiçoamentos que fazemos da nossa representação do mundo podem ser conseguidos não só através do acrescentamento justificado de novas suposições, mas também através do aumento ou do decréscimo apropriado de nosso grau de confiança nestas, o grau de confirmação em que as temos. (SPERBER; WILSON, 2001, p. 130).

Logo, uma suposição já fixada também pode ser reforçada sempre que uma nova suposição confirma a sua veracidade, o que inclusive a torna mais acessível na memória e aumenta a probabilidade da sua participação nas inferências. Essa confirmação depende, em sua maior parte, da correspondência entre as expectativas do ouvinte e demais elementos contextuais que atuam na interpretação dos enunciados numa dada interação.

Há ainda, envolvida nessa seleção, a disposição do indivíduo em aceitar ou não uma suposição como verdadeira. A relevância é um fator variável entre os indivíduos, tal qual o conhecimento de mundo, o que faz com que uma informação possa mais ou menos relevante para diferentes ouvintes. Em geral, alguns indivíduos são mais atentos que outros, o que interfere no grau de relevância das informações. Para um indivíduo mais atento, mesmo as informações menos relevantes podem causar um número considerável de efeitos contextuais, enquanto para indivíduos menos atentos o esforço de processamento pode ser maior e a relevância da informação reduzida.

Mas essas considerações ainda dizem pouco sobre a seleção do contexto na interpretação. A descrição da contextualização de uma nova suposição na mente do ouvinte ao final da inferência não é um fenômeno bilateral e não se pode falar na formação de um único contexto.

Conforme a TR, no processo inferencial tem-se, com um *input*, a formação de um leque de contextos nos quais há a possibilidade de uma suposição ser encaixada. A escolha do contexto é então feita de acordo com a relação de “custo-benefício” sob a qual trabalha a cognição humana, isto é, o contexto escolhido para o processamento da nova informação será aquele que exija um menor esforço para a integração de uma nova suposição e ofereça um maior número de efeitos contextuais com vistas ao aperfeiçoamento do conhecimento do indivíduo.

O contexto selecionado é aquele em que a informação será otimamente relevante. O conceito de relevância ótima ou Princípio Comunicativo de Relevância pauta-se na ideia de que, na comunicação espontânea os interlocutores criam expectativas de relevância, isto é, o ouvinte espera que o falante ofereça-lhe uma informação que valha a pena ser processada e que a informação oferecida seja a mais relevante possível de acordo com as suas expectativas e capacidades inferenciais. Desse modo, para Sperber e Wilson (2001), todo enunciado carrega consigo uma presunção de relevância ótima.

Para Dascal (2006, p. 140):

Quanto mais fácil for identificar a informação dada na sentença e localizar na memória o que pode ser relacionado a ela, mais fácil se torna o processamento do enunciado. Portanto, espera-se que um falante que queira ser compreendido usará uma sintaxe límpida, além de outros mecanismos, a fim de diferenciar claramente a informação dada da informação nova, e fará uso da informação identificada como dada para se referir àquilo que ele assume ser facilmente acessível na memória do ouvinte.

No entanto, é comum numa interação verbal espontânea nos abstermos da clareza sintática e proposicional dos enunciados. Para a TR, na ausência dessa clareza e diretividade o interlocutor recorre ao Princípio de Relevância e seguindo o caminho de esforço mínimo, após decodificar o significado linguisticamente o enriquecerá por meio do contexto mais acessível, “até que a interpretação resultante se coadune com sua expectativa de relevância” (SANTOS, 2009, p. 68).

É nesse sentido que defendemos que o uso da linguagem revela muito mais o que é operativo na mente humana (DASCAL, 2006) do que nossos pensamentos. O modelo de cognição elaborado por Sperber e Wilson (2001) para explicar e descrever a operacionalidade da mente humana no processamento de novas informações parece ser ingênuo, no entanto, apresenta uma descrição mais plausível do funcionamento de nossa mente durante a interpretação, é o que observamos na análise dos processos inferenciais de don Quijote, quando ele interage com os demais personagens do romance.

4 As suposições e a formação dos contextos

Na concepção pragmática da comunicação, os indivíduos interagem graças à capacidade de evidenciar e reconhecer intenções comunicativas e informativas por meio de pistas fornecidas pelo contexto que envolve o intercâmbio conversacional (SANTOS, 2013). O contexto é um fator determinante do sucesso comunicativo e abarca aspectos idiossincráticos que se relacionam diretamente às suposições que os interlocutores constroem acerca do real estado das coisas do mundo,

assim, os significados que interpretamos diariamente são representativos da totalidade de nosso conhecimento.

As suposições fatuais que construímos no decorrer de nossas vidas não são apenas impressões resultantes de nossas experiências, pois também revelam a forma como correlacionamos nossa mente à linguagem e à realidade (HAYAKAWA, 1977). É o que fica evidente quando examinamos os contextos que envolvem às interações estabelecidas por Don Quijote nos episódios analisados.

Após sair do armazém onde, numa encenação pitoresca, foi nomeado cavaleiro andante, a primeira aventura de Don Quijote ocorre no capítulo IV, quando, ao se aproximar de um bosque, o fidalgo ouve vozes que pareciam queixar-se de algo: “Gracias doy al cielo por la merced que me hace, pues tan presto me pone ocasiones delante donde yo pueda cumplir con lo que debo a mi [...] Estas voces, sin duda, son de algún menesteroso o menesterosa que ha menester mi favor y ayuda” (CERVANTES, 2004, p. 48).

Constatamos que os estímulos cognitivos causados pelas vozes ouvidas por Don Quijote funcionam como *input* para um processo inferencial que mobiliza suas suposições formadas nas leituras das novelas de cavalaria. A partir dessas suposições, o fidalgo louco infere o significado das vozes como um pedido de ajuda. Suas expectativas e desejos originados dessas suposições influenciam diretamente a interpretação das informações processadas.

As suposições fatuais que integram o ambiente cognitivo de Don Quijote e formam suas representações conceituais sobre os fatos e objetos que conhece são predominantes em seus processos inferenciais em relação ao contexto situacional. Essas observações nos permitem considerar que, assim como afirma a TR, o contexto ao qual recorreremos para realizar a interpretação dos enunciados que nos dirigem não é *a priori* construído pelo tempo e pelo espaço que circunda a interação, ele é constituído sobretudo por nossos desejos e expectativas, dentre outros aspectos idiossincráticos que não estão pré-determinados no início do intercâmbio conversacional.

As suposições que formam o contexto mental de Don Quijote também são evidenciadas no capítulo VIII, quando ele insiste em lutar contra cerca de trinta moinhos de vento:

En esto, descubrieron treinta o cuarenta molinos de viento que hay en aquel campo, y así como don Quijote los vio, dijo a su escudero:

-La ventura va guiando nuestras cosas mejor de lo que acertáramos a desear; porque ves allí, amigo Sancho Panza, donde se descubren treinta o pocos desaforados gigantes, con quien pienso hacer batalla y quitarles a todos las vidas, con cuyos despojos comenzaremos a enriquecer, que ésta es buena guerra, y es gran servicio de Dios quitar tan mala simiente de sobre la faz de la tierra. (CERVANTES, 2004, p. 75).

No capítulo IV pudemos observar como os estímulos auditivos causados pelas vozes que saíam do bosque mobilizam as suposições que Don Quijote formou nas leituras das novelas de cavalaria, o mesmo acontece no episódio de *los molinos de viento*. O estímulo visual dos trinta moinhos de vento espalhados pelo campo mobiliza essas mesmas suposições. Os vieses cognitivos provenientes de sua obsessão pela cavalaria proporcionam-lhe uma visão distorcida da realidade.

O protagonista segue nessa tentativa de alinhamento no decorrer de toda a narrativa:

En estos coloquios iban don Quijote y su escudero, cuando vio don Quijote que por el camino que iban venía hacia ellos una grande y espesa polvareda; y, en viéndola, se volvió a Sancho y le dijo:

-Éste es el día, ¡oh, Sancho!, en el cual se ha de ver el bien que me tiene guardado mi suerte; éste es el día, digo en que se ha de mostrar, tanto como en otro alguno, el valor de mi brazo, y en el que tengo de hacer obras que queden escritas en el libro de la fama por todos los venideros siglos. ¿Ves aquella polvareda que allí se levanta, Sancho? Pues toda es cuajada de un copiosísimo ejército que de diversas e innumerables gentes por allí viene marchando.

-A esa cuenta, dos deben de ser – dijo sancho –, porque de esta parte contraria se levanta otra semejante polvareda.

Volvió a mirarlo don Quijote y vio que así era la verdad y, alegrándose sobremanera, pensó sin duda alguna que eran dos ejércitos que venían a embestirse ya encontrarse en mitad de aquella espaciosa llanura. Porque tenía a todas horas y momentos llena la fantasía de aquellas batallas, encantamientos, sucesos, desatinos, amores, desafios, que en los libros de caballerías se cuentan, y todo cuanto hablaba, pensaba o hacía era encaminado a cosas semejantes. Y la polvareda que había visto las levantaban dos grandes manadas de ovejas y carneros que por aquel mismo camino de dos diferentes partes venían, las cuales, con el polvo, no se echaron de ver hasta que llegaron cerca. Y con tanto ahínco afirmaba don Quijote que eran ejércitos, que sancho lo vino a creer [...]. (CERVANTES, 2004, p. 158-159).

Vendo a nuvem de poeira que se formava na estrada que seguiam, na impossibilidade de enxergar o que se aproxima, Don Quijote sugere a Sancho que ela é causada por um exército que marcha em sua direção. Sancho Panza acredita em seu amo e reitera que a quantidade de poeira indica que talvez possam ser dois exércitos. A informação do escudeiro foi altamente relevante para Don Quijote e o narrador passa a comentar os pensamentos do fidalgo louco que novamente revelam a quais suposições fatuais sua mente recorre para formar o contexto utilizado em suas inferências.

Neste trecho do episódio do rebanho de ovelhas, narrado no capítulo XVIII, deparamo-nos com a afirmação de que a fantasia cavaleiresca encontra-se saliente na mente do cavaleiro. Por esse motivo, segundo o narrador, Don Quijote é encaminhado a agir de forma semelhante aos cavaleiros andantes. Ao revelar os pensamentos de Don Quijote, o narrador coloca em evidência que, para o protagonista interpretar os estímulos verbais e não verbais nos quais recaem a sua atenção, apenas parte de seu conhecimento de mundo é mobilizada e especificamente a parte do conhecimento formado nas leituras das novelas de cavalaria.

A limitação das atividades mentais de Don Quijote na seleção do contexto subserviente à interpretação do significado de novas informações é condicionada pela relação “custo-benefício” sob a qual trabalha a mente humana. Na busca da maximização da eficiência cognitiva, a escolha do contexto mental no qual será integrada a nova informação é determinada pelo grau de acessibilidade das suposições fatuais que compõem o conhecimento de mundo. Quanto mais salientes

estiverem as suposições na memória, maior será a probabilidade de participarem de uma inferência, já que o custo para a sua mobilização será baixo e o benefício maior, devido às informações serem congruentes aos seus desejos e expectativas de cavaleiro andante.

Quando a inferência do significado de uma nova informação atende a esta relação “custo-benefício” de informações e representa um aperfeiçoamento do conhecimento de mundo do indivíduo por meio de efeitos cognitivos positivos que fortalecem suas suposições fatuais, temos então uma informação relevante. Dessa maneira, os significados inferidos por Don Quijote se alicerçam na ficção cavaleiresca porque seu estado mental atribui relevância somente às informações que a ela se vinculam, sua interpretação torna-se enviesada, posto que seu foco de relevância está orientado somente para a prática da cavalaria.

O enviesamento cognitivo do protagonista se estende com a experiência que adquire em suas aventuras. Depois das circunstâncias em que estiveram no episódio de *Los batanes*, Don Quijote e Sancho Panza avistam na estrada um homem que seria mais uma vítima de suas trapalhadas:

De allí a poco, descubrió don Quijote un hombre a caballo que traía en la cabeza una cosa que relumbraba como si fuera de oro, y aun él apenas le hubo visto, cuando se volvió a Sancho y le dijo:

-Paréceme, Sancho, que no hay refrán que no sea verdadero, porque todos son sentencias sacadas de la misma experiencia, madre de las ciencias todas, especialmente aquel que dice: “Donde una puerta se cierra otra se abre”. Dígolo porque si anoche nos cerró la ventura la puerta de la que buscábamos, engañándonos con los batanes, ahora nos abre de par en par otra, para otra mejor y más cierta aventura, que, si yo no acertare a entrar por ella, mía será la culpa, sin que la pueda dar a la poca noticia de batanes ni a la oscuridad de la noche. Digo esto, porque si no me engaño, hacia nosotros viene uno que trae en su cabeza puesto el yelmo de Mambrino, sobre que yo hice el juramento que sabes. (CERVANTES, 2004, p. 187-188).

Conforme a TR, a cada nova informação relevante processada, temos uma reorganização de nosso ambiente cognitivo e a ampliação de nosso conhecimento de mundo, dessa forma, durante uma interação verbal ou mesmo nas experiências que vivenciamos no decorrer de nossas vidas, as representações que construímos sobre aquilo que conhecemos vão sendo modificadas, de modo que o contexto mental utilizado para a interpretação de uma informação jamais será o mesmo contexto utilizado para interpretar as informações seguintes.

Essa dinâmica contextual pode ser identificada no enunciado de Don Quijote, ao descobrir o homem que vinha com uma bacia na cabeça. O fidalgo traz a memória a representação conceitual que construiu sobre Elmo de Mambrino, um capacete fictício com o qual fora encenado o seu juramento de cavaleiro andante no terceiro capítulo da obra. Antes de seu juramento como cavaleiro andante, Don Quijote ainda não possuía essa mesma representação, que foi construída durante a situação comunicativa estabelecida na experiência de sua nomeação, mas agora ela faz parte de seu conhecimento de mundo e, por estar intimamente relacionada à ficção cavaleiresca, é acessada com facilidade em seus processos inferenciais.

No capítulo XXII, episódio de *Los galeotes*, antes que Don Quijote se manifestasse sobre os homens acorrentados que vinham em sua direção, Sancho Panza anuncia que eram prisioneiros da corte:

[...] don Quijote alzó los ojos y vio, que por el camino que llevaba venían hasta doce hombres a pie, ensartados como cuentas en una gran cadena de hierro por los cuellos, y todos con esposas a las manos; venían asimismo con ellos dos hombres a caballo y dos de a pie: los de a caballo, con escopetas de rueda, y los de a pie, con dardos y espadas; y así como Sancho panza los vido, dijo:

-Ésta es cadena de galeotes, gente forzada del rey, que va a las galeras.

-¿Cómo gente forzada? preguntó Don Quijote. ¿Es posible que el rey haga fuerza a ninguna gente?

-No digo eso, respondió Sancho, sino que es gente que por sus delitos va condenada a servir al rey en las galeras de por fuerza.

En resolución, replicó Don Quijote, como quiera que ello sea, esta gente, aunque los llevan, van de por fuerza y no de su voluntad. Así es, dijo Sancho. Pues desá manera, dijo su amo, aquí encaja la ejecución de mi oficio, desfacer fuerzas y socorrer y acudir a los miserables. Advierta vuestra merced, dijo Sancho, que la justicia, que es el mesmo rey, no hace fuerza ni agravio a semejante gente, sino que los castiga en pena de sus delitos.

Na reposta dada a Sancho, Don Quijote demonstra que de todas as informações anunciadas, para ele, a mais relevante é o fato de os prisioneiros serem forçados pelo rei. Na sequência do diálogo, Sancho tenta explicar a seu amo que são delinquentes condenados a pagar por seus delitos e não inocentes. No entanto, a atenção de Don Quijote não recai sobre a contestação do escudeiro, e ele novamente é orientado por suas expectativas e desejos acerca da prática da cavalaria, o fidalgo ignora as interjeições de Sancho e julga a situação como mais uma aventura em que pode empreender seus ideais de justiça.

A existência de um rei que possa forçar os cidadãos a fazerem algo que não queiram parece ser uma informação menos relevante para Don Quijote do que o fato de os prisioneiros serem “forçados”, embora suas respostas a Sancho evidenciem que ambas as informações foram processadas e significadas em sua mente. A atribuição de relevância às informações, nesta situação, é comparativa, assim, como asseguram Sperber e Wilson (2001), quando discorrem sobre o princípio qualitativo sob o qual o grau de relevância das informações pode ser medido.

Para a TR, a relevância de uma nova informação não pode ser medida quantitativamente, mas qualitativamente, não há como garantir que uma informação foi sete vezes mais relevante que aquela ou que essa tenha sido apenas duas vezes mais relevante que a primeira. A relevância está submetida ao contexto, que é dinâmico e não estático, isto é, uma informação pode ser extremamente relevante em um contexto, no entanto pode ser irrelevante em outro. Se as vozes ouvidas por Don Quijote no capítulo quatro do romance, por exemplo, fossem ouvidas após Sancho informá-lo sobre os prisioneiros estarem sendo forçados pelo rei, provavelmente não teriam sido percebidas pelo fidalgo como foram no momento em que ele passava pelo bosque e,

portanto, irrelevantes se comparadas à informação sobre os prisioneiros.

Don Quijote não consegue reconhecer as intenções informativas de Sancho Panza e suas inferências o levam a construir um significado desalinhado ao do escudeiro. Nas interações entre os personagens, a discrepância de seus contextos mentais é bastante nítida e, por mais que Sancho Panza ostente suas intenções comunicativas com clareza, não é o contexto situacional que determina as inferências que seu amo realiza a cada troca informativa, mas seu contexto mental.

No âmbito dos estudos pragmáticos o desalinhamento entre o significado evidenciado por um falante e o significado inferido pelo ouvinte é explicado pela diferença dos contextos sobre os quais uma mesma informação é formulada e interpretada. Segundo Sperber e Wilson (2001), o contexto é um construto psicológico e altamente idiossincrático, e se dois ou mais contextos não podem ser iguais, obviamente o significado também não será o mesmo para diferentes indivíduos (PARRET, 1988), embora o contexto situacional no qual ocorre uma interação possa ser comum a todos os participantes. Dessa maneira, quando tratamos da diferença entre contextos, não nos referimos apenas à situação comunicativa estabelecida e seu entorno social, mas ao ambiente cognitivo dos interlocutores.

Em consequência de nossa análise estar circunscrita a teorias pragmáticas de orientação cognitiva, exploramos com mais afinco o contexto mental de Don Quijote. No entanto, cabe aqui algumas considerações sobre outros domínios contextuais que envolvem as interações entre os personagens cervantinos. Para Parret (1988), a comunicação pode estar envolvida por um contexto lógico ou existencial, um contexto sociológico ou situacional e o contexto psicológico ou mental, há uma explícita relação entre esses diferentes tipos de contexto que, conforme Hayakawa (1977), é mediada pela linguagem, cuja função é possibilitar ao indivíduo a formação de suas suposições sobre o mundo. É o equilíbrio dessa relação entre contexto externo e interno ao indivíduo que viabiliza interpretações plausíveis dos estímulos aos quais somos expostos diariamente. Quando recorreremos a apenas um dos extremos contextuais, nossa interpretação torna-se unilateral, resultando em comportamentos que fogem à normalidade, assim como ocorre com Don Quijote.

Ao ignorar as intenções informativas de Sancho Panza, Don Quijote acaba por incorrer em inúmeras trapalhadas que ele pensa serem aventuras. Suas confusões são de ordem pragmática, problema habitual quando, segundo Parret (1988) e Hayakawa (1977), ignoramos a totalidade dos contextos ao interpretar os enunciados que nos dirigem. Quando sua interpretação fica à mercê de seus vieses cognitivos, tendo o contexto mental como único provedor em suas inferências, sua conduta passa a um estágio patológico no qual o protagonista tenta alinhar a realidade aos seus desejos e expectativas.

5 A loucura quijotesca sob a perspectiva relevantista

Nas peregrinações de Don Quijote pelos campos da Mancha, o fidalgo está exposto a uma série de estímulos verbais e não verbais. Contudo sua atenção recai sobre os estímulos que, de alguma forma, ele

relaciona com a oportunidade de exercer seu ofício de cavaleiro andante. É o que acontece, por exemplo, quando, depois de seu juramento, no capítulo IV, don Quijote está caminhando aos arredores de um bosque e ouve as murmurações que vinham de seu interior, interpretando-as como um pedido de socorro.

As informações relacionadas à cavalaria são relevantes a Don Quijote porque provocam efeitos cognitivos positivos em seu contexto mental, já que fortalecem, combinam e contradizem suposições já existentes em seu ambiente cognitivo, ampliando seu conhecimento de mundo. É provável que tais efeitos tenham colaborado diretamente para a mudança de seu estado mental.

À medida que suas leituras avançam, a conduta heroica dos cavaleiros andantes fortaleceu suas suposições fatuais sobre a plausibilidade de um mundo mais justo sob a existência da cavalaria; ao mesmo tempo em que contradisse as suposições fatuais sobre os fatos e objetos que o cercavam, fazendo-o acreditar que realmente vivia num mundo repleto de injustiças. Por fim, a combinação das novas suposições formadas por meio da ficção, com as antigas suposições sobre a realidade, viabilizou a construção das suposições que lhe imprimiram a crença na possibilidade de restituir a cavalaria tal como era praticada pelos personagens das novelas que leu.

Esses efeitos cognitivos delineiam-se no discurso do protagonista quando ele interroga e contesta seus interlocutores durante as interações verbais que estabelece. No capítulo IV, Don Quijote vê Juan Hadudo agredindo Andrés, o empregado estava com as mãos atadas e, ao lado do agressor, havia uma lança, artefato fundamental na prática da cavalaria, a presença do objeto faz com que mais uma vez o fidalgo acredite estar diante de uma aventura:

Y viendo Don Quijote lo que pasaba, con voz airada dijo:

-Descortés caballero, mal parece tomaros con quien defender no se puede; subid sobre vuestro caballo y tomad vuestra lanza arrimada a la encina adonde estaba arrendada la yegua-, que yo os haré conocer ser de cobardes lo que estáis haciendo. (CERVANTES, 2004, p. 49).

Os estímulos provocados pela imagem da lança e pela situação de Andrés enquanto era agredido, são ostensivamente relevantes para o fidalgo; a presença da lança mobiliza suas suposições acerca da cavalaria, confirmando a possibilidade de sua restituição, ao mesmo tempo em que a agressão do patrão ao empregado reafirma suas suposições sobre a recorrência de injustiças no mundo em que vive.

A circunstância em que se encontram Hadudo e Andrés comporta informações que fortalecem as suposições de Don Quijote sobre o estado das coisas, sendo-lhes, portanto, altamente relevantes. No contexto mental do fidalgo, as suposições que formam o pano de fundo sobre o qual as novas informações serão processadas são selecionadas de acordo com suas expectativas que estão majoritariamente orientadas para a cavalaria, por esse motivo, todas as suas interações são consideradas como uma oportunidade de exercê-la.

As informações que fortalecem as suposições que Don Quijote tem como verdadeiras ou mais provavelmente verdadeiras, isto é, aquelas que têm um efeito cognitivo positivo em seu contexto mental, são

processadas e integradas ao seu conhecimento de mundo. As suposições que não atendem suas expectativas, pelo contrário, são descartadas, os estímulos que as anunciam, por vezes, sequer são percebidos. É o que ocorre quando, no capítulo VIII, o cavaleiro avista os moinhos de vento e anuncia ao escudeiro que vê gigantes com quem pretende travar batalha.

Constatando o delírio de seu amo, Sancho Panza o contesta, afirmando que o que vê são grandes moinhos de vento e não gigantes. A informação do escudeiro é impugnada pelo fidalgo, que o insulta e parte para uma investida contra as aspas de um dos moinhos. As proposições expressas pelo enunciado de Sancho Panza contrariam aquilo que Don Quijote acredita ser verdadeiro e frustram suas expectativas de se encontrar numa oportunidade de praticar a cavalaria. Assim, de acordo com o conhecimento do cavaleiro, elas são falsas e poderiam não obter efeitos cognitivos positivos, sendo irrelevantes diante de suas suposições sobre o mundo.

Nas interações entre Don Quijote e Sancho Panza, as informações que parecem ser falsas e irrelevantes ao fidalgo num contexto mental formado pelas suposições sobre a legitimidade da cavalaria, tornam-se relevantes num contexto formado pelas suposições sobre a covardia e ignorância do escudeiro diante dos princípios cavaleirescos. É o que evidencia o intercâmbio conversacional que os protagonistas estabelecem no episódio do rebanho de ovelhas. Depois de verificar que a nuvem de poeira que se avultava à frente era causada por grandes rebanhos de ovelha e não por dois exércitos, como avisava Don Quijote, Sancho Panza dirige-se ao amo refutando-o, e novamente é chamado de covarde.

De acordo com a TR, a interpretação do significado de novas informações é orientada pelo Princípio de Relevância, que impele a mente humana a processar uma nova informação num contexto onde ela obtenha maior quantidade de efeitos cognitivos com um menor custo de processamento. A mente de Don Quijote trabalha de modo a potencializar a relevância das informações e, sob a influência de uma patologia, faz com que os contextos selecionados na interpretação sejam formados apenas pelas suposições sobre a cavalaria, dessa forma, as informações processadas funcionam ou como reafirmação ou contradição dessas suposições.

As informações que reafirmam as expectativas de Don Quijote sobre a cavalaria são processadas com menor custo, pois o contexto que as integram está mais acessível, assim são mais relevantes. Já as informações que contradizem os hábitos cavaleirescos ou inserem no intercâmbio conversacional proposições que se aproximam mais da realidade do que da ficção são menos relevantes ou irrelevantes, pois requerem um contexto de difícil acesso.

É devido a essa relação “custo-benefício” de informações, sob a qual trabalha a mente humana, que Don Quijote ignora muitas reprimendas de Sancho Panza que o alertam para o perigo e, quando as processa, interpreta-as como uma falha no conhecimento de mundo do interlocutor, e não como a possibilidade de estar equivocado. Quando Sancho Panza adverte o fidalgo sobre seus delírios, suas contribuições informativas geralmente são uma tentativa de tornar um conjunto de

suposições sobre realidade mutuamente manifestas (SPERBER; WILSON, 2001), o que acaba por contradizer as suposições sobre a cavalaria que ele formou a partir da ficção. Logo, Don Quijote acusa o escudeiro de ser “covarde” ou de “não estar versado” na arte da cavalaria.

Dentro do leque de possíveis contextos formados pelas suposições cavaleirescas, nos quais uma nova informação pode ser processada na mente de Don Quijote, as informações que reafirmam suas crenças sobre a viabilidade da restituição da cavalaria são relevantes em contextos formados pelo conhecimento que adquiriu em suas leituras. As informações que tratam sobre a realidade e opõem-se a essas crenças do fidalgo são relevantes num contexto que reúne impressões de ignorância e incompreensão por parte dos indivíduos com quem ele interage.

Essa dinâmica da potencial relevância das informações reforça a afirmação de Sperber e Wilson (2001) sobre a propriedade relevante de cada informação estar estreitamente relacionada aos possíveis contextos em que ela pode ser processada. Segundo Santos (2013; 2014), a relevância de uma informação é determinada sobretudo pelo nosso conhecimento de mundo, por aquilo que acreditamos ser verdadeiro e, como nosso conhecimento de mundo é constantemente reformulado, o que nos é relevante num dado contexto pode não ser relevante em outros.

No episódio do Elmo de Mambrino narrado no capítulo XXI, observamos como Don Quijote traz a memória suposições formadas em experiências anteriores para interpretar os estímulos provocados pela presença de um homem que carregava consigo uma bacia reluzente. Em mais um de seus devaneios, o fidalgo insiste que a bacia é o Elmo de Mambrino sobre o qual fez seu juramento de cavaleiro andante no terceiro capítulo da obra.

Don Quijote recorda-se da fracassada aventura com os pisões, vivenciada no capítulo XX, na qual Sancho Panza o faz desistir de empreender sua coragem para descobrir a origem das batidas compassadas que o assustavam em meio a escuridão. A semelhança entre o artefato reluzente e o falso elmo serve como estímulo para a mobilização não só das suposições formadas na leitura das novelas de cavalaria, mas também do conhecimento adquirido nas situações vivenciadas antes de encontrar o homem com a bacia. Por fim, relacionando as representações mentais construídas sobre os acontecimentos dos capítulos III e XX, Don Quijote interpreta a presença do homem e sua bacia como uma aventura enviada pelas forças divinas para compensar as frustrações que tiveram nesses dois episódios

O conhecimento obtido nos capítulos III e XX é que viabiliza Don Quijote inferir o significado das novas informações processadas como uma aventura. Neste episódio do Elmo de Mambrino, observamos como cada nova experiência e cada informação processada modifica nosso conhecimento, ampliando-o e interferindo em interpretações futuras. Consequentemente esse movimento de nosso contexto mental influi na propriedade relevante das informações que processamos, confirmando ou descartando sua veracidade.

A análise dos processos inferenciais de Don Quijote, a partir da interação verbal que estabelece com os prisioneiros do episódio narrado no capítulo XXII, possibilita averiguar que as suposições que Don Quijote formou na leitura das novelas de cavalaria são preponderantes na interpretação dos enunciados que lhe são dirigidos. A ordenação dessas suposições, segundo a TR, se dá através de efeitos cognitivos que estimulam aquelas que estão mais acessíveis em sua mente. Isto é, seu contexto mental possui primazia sobre os processos inferenciais por ele realizados, ficando o contexto físico em segundo plano na interpretação do significado.

6 Considerações finais

Os estímulos verbais e não verbais sobre os quais recai a atenção de Don Quijote no início de cada episódio de suas aventuras funcionam como *inputs* para um processo inferencial, no qual há a formação dos contextos que servirão como pano de fundo para a interpretação dos enunciados que ser-lhe-ão dirigidos nos diálogos que dão sequência à narrativa dos capítulos. Pudemos constatar que essa formação contextual se vale majoritariamente das suposições fatuais que o protagonista construiu em suas leituras da ficção cavaleiresca, e que essa seleção restrita de seu conhecimento de mundo ocorre devido a enviesamento cognitivo que orienta seu foco de relevância somente para o que ele consegue relacionar à prática da cavalaria.

O estado mental de Don Quijote não o impede de realizar inferências, sua mente continua a processar informações, conferindo-lhes significado e possibilitando a produção de novas suposições sobre o mundo. Todavia, sua capacidade de reconhecer as intenções informativas evidenciadas por seus interlocutores durante suas interações fica submetida à falha seleção dos contextos que servem como pano de fundo para a interpretação.

As considerações sobre o Princípio de Relevância conversacional tecidas até aqui esclarecem que essa restrição na formação dos contextos por meio dos quais o protagonista interpreta o que lhe dizem se dá devido a mente humana buscar processar as informações a baixo custo. O objetivo das atividades cognitivas atreladas ao processamento de uma nova informação é obter o maior número de efeitos cognitivos possíveis de forma menos exaustiva, por isso Don Quijote interpreta apenas significados que estejam alinhados a suas expectativas de cavaleiro andante e não às intenções informativas de seus interlocutores.

A dificuldade do fidalgo em reconhecer a intenção informativa de seus interlocutores se deve a essa “economia” cognitiva. Quando ele passa a interagir com os prisioneiros, os indivíduos não procuram deixar suas intenções informativas tão claras, o que o obriga a empregar mais esforço para interpretá-las. A ausência desse maior esforço incorre em falhas na comunicação, que acabam por levar o fidalgo a considerar os prisioneiros como inocentes e os guardas como pessoas inoportunas que forçavam aqueles homens a uma punição injusta. O equívoco da interação ocorre porque seu foco de relevância é orientado para as suposições desenvolvidas nas leituras das novelas de cavalaria, que alimentam sua ânsia por um mundo mais digno.

Os diálogos analisados ilustram problemas de comunicação bastante recorrentes em nosso cotidiano nos mais diversos contextos em que interagimos e, como pudemos observar, formam um campo de estudos que é de domínio pragmático. Notamos como a mente ordena a seleção de conhecimentos utilizados pelo ouvinte nos processos de interpretação do significado e o porquê de algumas informações serem mais relevantes que outras.

Sendo a relevância um mecanismo que opera a “custo-benefício”, é natural que interpretemos o significado dos enunciados através das suposições que estão mais salientes em nossa mente, pois isso torna o processo inferencial mais fácil, isto é, o custo para a interpretação do significado é mais baixo do que se fôssemos utilizar suposições que no momento não nos são tão manifestas. Assim, a loucura Quijotesca constitui-se numa limitação pragmática que se apresenta como consequência das interferências da própria cognição no processamento da linguagem.

Referências

- ARMENGAUD, F. **A pragmática**. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 1999/2006.
- CERVANTES M. **Don Quijote de la Mancha**. São Paulo: Real Academia Española: Asociación de Academias de la Lengua Española, 2004.
- DASCAL, M. **Interpretação e compreensão**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- HAYAKAWA, S. I. **A linguagem no pensamento e na ação**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1977.
- PARRET, H. **Enunciação e pragmática**. Campinas: Unicamp, 1988.
- RAMOS, F. Y. **Cooperación y Relevancia: dos aproximaciones pragmáticas a la interpretación**. Alicante: Universidad de Alicante, 2003.
- SANTOS, S. L. **O enigma da piada: convergências teóricas e emergência pragmática**. Ponta Grossa: Ed. da UEPG, 2014.
- SANTOS, S. L. **Contexto e contextualização: quando o significado acontece**. Anais do VII Ciclo de estudos em Linguagem. Ponta Grossa: 2013.
- SANTOS, S. L. **A interpretação da piada na perspectiva da teoria da relevância**. Tese de Doutorado. Curitiba: UFPR, 2009.
- SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevância: comunicação e cognição**. Trad. de Helen Santos Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

Artigo enviado em: 10/06/2020. Aprovado em: 02/07/2020.